

Reflexões ao precipício: a democracia brasileira em análise

Reflections on the edge: Brazilian democracy in analysis

Leandro Castro Oltramari

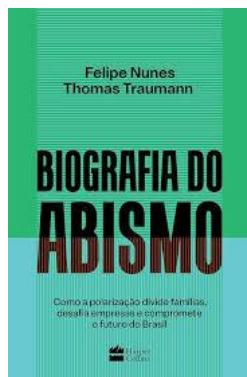
Doutor, Departamento de Psicologia

Universidade Federal de Santa Catarina

leandro.oltramari@ufsc.br

<https://orcid.org/0000-0002-9610-0502> 

Informações completas sobre autoria estão no final da resenha 



NUNES, Felipe e TRAUMANN, Thomas. *Biografia do abismo*: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2023. 240, E-book.

Palavras-chave: Política; Neoliberalismo, Polarização.

Keywords: Policy; Neoliberalism; Polarization.

Resenha

Os tempos contemporâneos têm sido desafiadores para a democracia. O crescimento de um pensamento ultraconservador de extrema direita fez com que bandeiras totalitárias que horrorizaram a primeira metade do século passado (e que culminaram nas atrocidades do Holocausto Judeu) voltassem à tona. Vê-se a mesma situação no Brasil. Portanto, reflexões sobre esses comportamentos políticos têm desafiado pesquisadoras e pesquisadores de diferentes nacionalidades. É nesse panorama que se insere a obra de Felipe Nunes e Thomas Traumann, refletindo sobre o comportamento político nos tempos atuais.

Felipe Nunes é diretor da Quaest consultoria e pesquisa política e PhD em ciência política pela Universidade da Califórnia, além de professor da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem reconhecimento por ter criado o índice de popularidade digital (IDP) que, por meio de ferramentas como redes sociais conhecidas, avalia a popularidade de marcas ou pessoas e com isso verifica quem está conseguindo obter melhor desempenho em relação ao concorrente.

Thomas Traumann é jornalista formado pela Universidade Federal do Paraná, com mestrado em Ciência Política. Trabalhou em diversas redações de grandes veículos de comunicação como Folha de São Paulo e Veja, além de ter sido coordenador do MBA de comunicação digital da Fundação Getúlio Vargas entre 2016 e 2022.

A obra é dividida em sete capítulos e se propõe a analisar o comportamento político dos brasileiros após a eleição presidencial de 2022, comparando-a com eleições passadas.

A introdução é provocativa, pois se intitula “Bem-vindo a Lulanaro”. Aqui os autores analisam as características econômicas do Brasil. Sobre o processo mais consolidado e estável de nossa democracia, pós-impeachment de Fernando Collor de Mello, os autores dizem que a polarização já existia entre PT e PSDB. Hoje, segundo Felipe e Thomas, a contenda se transformou em algo visceral, chegando ao ponto de fazer com que pessoas que tenham princípios políticos opostos entre si, desejarem a aniquilação do oponente. Os autores exploram a ideia – que será mais desenvolvida posteriormente – de “calcificação e polarização” no comportamento político dos brasileiros. Nesse ponto é exposta a tese central do livro: o drama de todos os brasileiros é a polarização que vai ao extremo e indica um afastamento sistemático que atinge relações sociais e afetivas. A polarização afetiva é destacada em sua relação direta com a volta do populismo de extrema direita no mundo. Essa discussão tem um aprofundamento notável na obra de Benjamim Teitelbaum intitulada *Guerra pela eternidade: O retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista* (2021), na qual são entrevistados Steve Bannon, Olavo de Carvalho e Alexander Dugin, os ideólogos mais conhecidos da extrema direita no mundo. Em sua obra, Teitelbaum aponta o quanto os ideais tradicionais, misturados com ideias pré-modernas e supostamente místicas, têm constituído identidades ultraconservadoras como uma resposta ao descrédito à atual democracia liberal.

No primeiro capítulo, intitulado “Um novo ecossistema de comunicação política”, os autores analisam a importância da comunicação de massa para a política. Eles citam exemplos como o de Theodor Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos, considerado um dos primeiros a utilizar a comunicação de massa para fins políticos, aproximando a

relação entre o governo e o cidadão. Os autores apontam que o grande segredo da comunicação é criar a proximidade entre o cidadão comum e aquele detentor do poder, no caso o Governo. Pode-se dizer que isso tem muito sentido hoje, ainda mais pensando que políticos como Donald Trump e Jair Bolsonaro praticamente tinham suas comunicações unicamente pelas redes sociais, antes mesmo de aparecerem nos canais oficiais do governo. Segundo nossos autores, as campanhas mudaram da televisão para o submundo das mensagens da internet na era pós-Bolsonaro. Assim, a avaliação dos governos está muito vinculada às mídias, principalmente às plataformas de redes sociais. Segundo os autores, o comportamento de uma pessoa procurar confirmar aquilo que já pensa tem origem na teoria da dissonância cognitiva, criada originalmente por Leon Festinger (1957/1975). Os autores a utilizam de uma maneira interessante para compreender o comportamento político, mas curiosamente não fazem referência ao autor e a sua clássica obra *Teoria da Dissonância Cognitiva*. Seria importante, pois esse conceito é significativo para a discussão que abordam. Eles dizem que essa busca, pela confirmação de valores já internalizados, é significativa para evidenciar o papel das mídias sociais e a motivação das pessoas ao procurá-las.

Existe neste capítulo um elemento muito notável, que é como as pessoas fazem uso das informações, repassando-as para justificar os seus valores já estabelecidos, ou ainda tentando através disso convencer outras pessoas de que suas posições são as corretas. Aqui há um debate importante, que é o engajamento nas redes como forma de ganhar o debate político a partir de posições fixas. Mesmo que as informações sejam falsas. O importante é ter a sua posição política vitoriosa, pois a contrária não é legítima. Para isso, o engajamento das redes é fundamental. Eles apontam que Donald Trump, por exemplo, “(..) concluiu que as mensagens mais eficientes eram as mais polarizadoras e ultrajantes.” (p. 40). Esse recurso foi amplamente utilizado não apenas por ele, mas por outros protagonistas da política atual. O que os autores refletem é que isso não é, como pensa o senso comum, algo que sugere falta de conhecimento ou escolaridade ou mesmo inteligência. O que está contando hoje no debate político é a localização identitária e a sua posição política, é isso que faz com que se tenha um comportamento quase messiânico de divulgação de mensagens, mesmo que falsas, para ajudar o candidato ao qual o sujeito se vincula. Para isso as redes sociais são o espaço perfeito. Isto porque, segundo os autores, existe uma estratégia de fomentar o conflito nas redes para gerar engajamento. Como já aponta Cesarino (2022), os algoritmos das plataformas sociais induzem a disseminação de conteúdos para fazer acontecer o engajamento dos usuários. Quanto mais controverso, mais potente, ou seja, as mentiras mais aterradoras serão

aquelas mais divulgadas e mais comentadas, causando engajamento; com isso, recebem mais dinheiro e logo são mais espalhadas. Um círculo vicioso.

No capítulo dois, intitulado “Os presidentes”, os autores revelam que o momento político atual foi muito promovido pela presença de dois grandes líderes carismáticos que são Bolsonaro e Lula. Apresentam como Bolsonaro se alçou a ícone do conservadorismo e da extrema direita por falas preconceituosas e radicais, além de disseminar sua imagem aparecendo em canais de mídias que lhe deram espaços. Bolsonaro conseguiu construir a imagem de uma pessoa autêntica, o que capturou a atenção de muitas pessoas. Ele e seu grupo político souberam usar a linguagem de internet e das redes sociais como ninguém até então tinha feito no Brasil.

A seguir, avaliam a trajetória do presidente Lula, com seu histórico na luta sindical e pela democracia, mas também com sua figura muito questionada por causa do PT (Partido dos Trabalhadores) e de todas as denúncias de corrupção do partido. Além disso abordam a ressurreição política do presidente Lula. Desse modo, os autores apontam que os dois políticos têm características que fomentam a polarização, mas o primeiro, Bolsonaro, se apoia nisso para ações totalitárias, enquanto Lula também se serve da polarização, mas, como foi forjado no ambiente de tensão de negociação sindical, vê aí a oportunidade de diálogo com os concorrentes.

No capítulo três, intitulado “A história de ódio, amor e medo”, é abordada especificamente a eleição de 2022. Apesar de ser a primeira vez que houve um certame entre dois ex-presidentes, curiosamente não houve um debate sobre avaliação das ações nos mandatos de cada um, mas sim um discurso de ódio entre os candidatos e consequentemente seus eleitores. São feitas comparações com a eleição americana, mais precisamente sobre a movimentação entre eleitores dos partidos Republicano e Democrata. Mas vale ressaltar que os autores não fazem uma discussão aprofundada sobre as diferenças entre nosso sistema pluripartidário e o dos Estados Unidos, que classicamente se dá entre os dois partidos. Isso prejudica um pouco a comparação entre os dois fenômenos.

Aqui existem dois elementos marcantes para compreender a vitória de Lula na eleição de 2022: o primeiro foi a virada eleitoral em favor do petista, nas grandes metrópoles como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Não foi o Nordeste que deu a vitória a Lula, como muitas vezes analistas políticos apontaram, e sim as grandes capitais. Os autores mostram isso nos resultados das pesquisas que fizeram, comparando os dois turnos e nas diferentes regiões do país. Bolsonaro perdeu, porque sua votação caiu no Sudeste. No Nordeste, ao contrário, Bolsonaro, com seu pacote de “bondades”

econômicas para os mais vulneráveis, ganhou algum percentual; pouco, mas ganhou. O segundo elemento importante foi o voto das mulheres e das pessoas negras, dois grupos atacados frequentemente pelo ex-presidente. Mas nessa eleição um outro ponto que realmente chamou a atenção de forma significativa foi o aumento da intolerância e da intimidação política. Utilizando suas metodologias de pesquisa qualitativa, através de grupos focais, Felipe e Thomas identificaram o modo como eleitores de ambos os candidatos, Lula e Bolsonaro, se portavam frente a um eleitor teoricamente indeciso. A pesquisa revelou que os eleitores de Lula tinham mais receio de mostrar seu posicionamento político do que os eleitores de Bolsonaro. Vale dizer que o receio não pode ser minimizado como mera fantasia, pois, como nessas últimas eleições, muitos casos de violência ocorreram, inclusive com situações de morte, como a de Marcelo Arruda, militante do PT, assassinado em sua festa de aniversário em Foz do Iguaçu pelo policial penal federal Jorge da Rocha Guarelho, militante de Bolsonaro¹. Os autores não problematizam a violência política como variável a ser considerada nessa discussão. Ao menos não aqui nesse livro.

No capítulo 4, intitulado “Como o Brasil saiu das urnas”, os autores voltam a uma tese central de que, mesmo na disputa entre PSDB e PT não havia uma polarização política que existe hoje. Segundo os autores, o antagonismo político cresceu muito a partir de 2018. Para eles, é então que surge o que chamam de polarização afetiva. Isso seria “Quando a polarização vira uma relação de afeto, o adversário passa a ser seu inimigo, uma ameaça à própria existência do grupo, um mal a ser destruído.” (p. 138). Isso faz com que sujeitos fiquem mais violentos, em relação aos grupos que consideram diferentes e opostos aos seus. Isso porque, segundo os autores, os marcadores identitários têm tomado o lugar dos projetos políticos coletivos e das agendas que orientam a vida social do país. Hoje as pessoas têm votado mais em relação às características de suas personalidades e pensando no tipo de mundo em que querem viver e criar seus filhos. Em uma perspectiva extremamente singularista e personalista da política, com pouquíssimo espaço para as divergências, principalmente políticas o que causa uma fragilização do pensamento democrático.

No quinto capítulo, chamado “A calcificação transborda para a sociedade”, eles abordam novamente a polarização dos dois candidatos, revelando projetos e estruturas de pensamento muito antagônicas entre si. O tema é recorrente, chegando a ser repetitivo

¹ Caso Marcelo Arruda: bolsonarista que matou tesoureiro do PT vai a júri em 4 de abril. O Globo. 13/03/2024. <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/03/13/caso-marcelo-arruda-bolsonarista-que-matou-tesoureiro-do-pt-vai-a-juri-em-4-de-abril.ghtml>

na obra. Os autores citam exemplos de como isso ficou marcado na nossa sociedade, como o caso dos estudantes da USP que não quiseram o retorno às atividades de sala de aula, da professora e ex-deputada Janaina Paschoal, política considerada conservadora, autora do projeto de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Com isso, Felipe e Thomas retomam a tese de que a calcificação social foi pouco a pouco avançando desde as relações íntimas, diminuindo o desejo de convivência com pessoas que votaram no candidato oposto ao seu. As pessoas chegaram até mesmo a evitar comprar produtos de marcas que apoiaram um candidato que não era o seu.

“Tem saída”: assim inicia o sexto capítulo, sem interrogação ou exclamação. Ou seja, uma frase ainda a ser testada. Realmente uma questão provocadora. No capítulo é problematizada a possibilidade de uma reconciliação nacional. Algo que pudesse juntar grupos antagônicos, mas em uma perspectiva democrática. Citam a psicóloga Elizabeth Kübler-Ross e sua teoria sobre o luto e utilizam a noção de elaboração de luto para pensar como superar essas querelas. Vale dizer que, curiosamente, essa autora é reconhecida no campo da Saúde Mental e não na discussão sobre pensamento político.

Os autores, tecem considerações sobre a importância de uma compreensão democrática sobre a existência do Outro, do divergente, daquele que se opõe ao que penso. Mas aqui eles não problematizam a influência do pensamento fascista que se estrutura exatamente de forma oposta a isso. O fascismo despreza a ideia do contrato social, mesmo que liberal. Ou seja, o momento da calcificação política rompe esse contrato. Hoje as pessoas pensam que identidades diferentes do grupo social, do qual fazem parte, não devem ter os mesmos direitos que os seus.

Em suas conclusões, abordam a condenação dos atos de vandalismo ocorridos no dia 08 de janeiro de 2023 pelo STF e indicam que eles foram resultado dessa polarização. Assinalam que o livro tem uma pretensão de pensar o presente para preparar o futuro. Já finalizando, fazem uma afirmação a ser refletida, apontando que a democracia brasileira está doente. E complementam, levantando algumas ponderações que podem auxiliar no aprimoramento da democracia. Por exemplo, com instituições cada vez mais transparentes, a responsabilização dos agentes públicos pelos seus atos assim como das empresas de comunicação de massa, sejam elas veículos tradicionais como televisão e rádio, assim como as famosas *Big Techs*.

A obra pode ser um importante retrato contemporâneo da fragilidade de nosso processo democrático e de um país que vive entre uma tentativa de superar suas mazelas ditatoriais do passado e uma nostalgia *non sense* de quem quer liberdade para defender ditadura. A obra não se propõe a ser um tratado teórico sobre o tema, mas uma descrição

através dos dados de suas pesquisas de como a sociedade brasileira se constituiu de forma fraturada e parece, ainda, como apontam Gonzales (1984) e Quijano (2005) sem condições de constituir um pacto social, que consiga romper com o colonialismo e o racismo históricos. O país se apresenta sem condições de construir um projeto de nação, onde a alteridade seja o ponto central da vida em sociedade. O nome da obra é sugestivo: *Biografia do Abismo*. Se não estamos tão perto assim dele, também não estamos distantes assim. Talvez valha lembrar a célebre frase de Friedrich Nietzsche em sua obra *Além do Bem e do Mal*, “quando você olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você”. Portanto é necessário ficar longe dele.

Referências

- CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: UBU, 2022.
- FESTINGER, Leon. *Teoria da dissonância cognitiva* [1957]. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Brasília, Anpocs, p. 223-244, 1984.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.
- TEITELBAUM, Benjamin. *Guerra pela eternidade: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Editora da Unicamp, 2021. Edição do Kindle

NOTAS

AUTORIA

Leandro Castro Oltramari

Professor Associado II- Membro do Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional (LAPEE). Departamento de Psicologia Universidade Federal de Santa Catarina.

leandro.oltramari@ufsc.br

<https://orcid.org/0000-0002-9610-0502>

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **INTERthesis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a licença *Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International*. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITOR

Daniel Serravalle de Sá

HISTÓRICO

Recebido em: dia-mês-ano – Aprovado em: 5-09-2024 – Publicado em: 10-09-2024